

Gota – entre histórias e estórias¹

Giulian Soares OLA²
Rodrigo CERQUEIRA³
Universidade Vila Velha, ES

RESUMO

Este trabalho relata o desenvolvimento do vídeo documentário “Gota – entre histórias e estórias”, que tem por objetivo contar a trajetória dos 32 anos do grupo teatral Gota, Pó e Poeira, que ao longo dos anos se consagrou como uma das mais importantes companhias capixabas. A narrativa do filme é construída a partir de entrevistas que articulam relatos e memórias dos atores e deixam registrado o legado do grupo no cenário cultural capixaba e na vida dessas pessoas que viveram ou ainda vivem essa história.

PALAVRAS-CHAVE: documentário; história; memória; cultura; teatro.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho fundamenta as etapas da construção do vídeo documentário “Gota – entre histórias e estórias”, desenvolvido como trabalho de conclusão de curso de Jornalismo na Universidade Vila Velha.

O grupo teatral Gota, Pó e Poeira surgiu em 15 de agosto de 1983, na cidade de Guaçuí, localizada no interior do Espírito Santo, por iniciativa de adolescentes e jovens que faziam parte de movimentos católicos e estudantis, com o objetivo de incentivar a cultura local e como forma de lazer para a população.

A partir dessa vontade, os dez jovens começaram a estudar textos, realizar oficinas, pesquisar sobre o fazer teatral e sobre como organizar o grupo. As primeiras montagens foram as peças “A Verdade”, de autor desconhecido, em 1983; “O Médico à Força”, de Molière, em 1984; e “A Megera Domada”, de Shakespeare, em 1985.

O grupo tem objetivo de colaborar e incentivar peças teatrais; desenvolver a cultura; as artes e o teatro em Guaçuí; participar dos acontecimentos culturais, sociais e comunitários da cidade. Segundo o diretor do grupo Carlos Ola, o nome do grupo foi indicado por um amigo e ator, Gilvon Mapeli que sugeriu: “gota”, por causa da água, se refere ao início da

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário Jornalístico e Grande Reportagem em vídeo e televisão.

² Aluno líder do grupo e recém graduado do Curso de Jornalismo, email: giuliansola@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Vila Velha, email: rodrigo.cerqueira@uvv.br.

vida; “pó”, estaciona nos lugares, remete à longevidade, mas também significa alerta; e “poeira”, que está em constante movimento, segue na estrada da vida, sempre adiante.

Com o crescimento das atividades no passar do tempo, o que era conseguido com patrocínios ficou mais difícil: o grupo passou a ter que arcar com aluguel do espaço utilizado, bancar parte do transporte, figurinos, adereços e cenários. Atualmente o que dificulta ainda mais a produção de espetáculos na cidade é a falta de lei de incentivo à cultura em Guaçuí. E sem a ajuda da prefeitura, precisou-se tomar outros caminhos para seguir adiante. A sustentabilidade do grupo se dá também por meio de editais de cultura, alguns cachês e, em caso de teatro de rua, os espectadores que dão alguma contribuição.

Depois de 32 anos o grupo é uma referência para o estado, sendo um dos mais ativos e antigos. Seu processo de criação nunca sofreu nenhuma interrupção. Sendo assim, vieram projetos de circulação de espetáculos, realização de mostras e a organização do Festival Nacional de Teatro de Guaçuí. O Gota coleciona muitas histórias e prêmios conquistados por todo país, mas, para chegar ao reconhecimento muita coisa se passou, foram apresentações em cima de caminhões, em palcos precários, até chegar aos grandes teatros do Rio de Janeiro e São Paulo.

A opção pelo formato documental se deu ao fato que ele permite enxergar o mundo de outra forma. Lucena (2012, p.10-11), considera que o documentário é o ato que se registra do mundo real, com personagens sendo as próprias pessoas.

Para conhecer melhor essa história, o trabalho envolveu dez personagens, que falam de suas memórias, de como começou o trabalho, o que mais os marcou, quais são as dificuldades, os sentimentos, entre outros; e isso permitiu mostrar a trajetória do grupo do interior do Espírito Santo que ao longo do tempo se mostrou importante para vida dessas pessoas que passam e passaram pelo grupo e, principalmente, para a cultura capixaba.

Contar essa história só foi possível porque existem memórias que são construídas a todo momento e precisam ser registradas de forma que elas possam sempre ser lembradas por quem as viveu e também fazer parte das lembranças de quem assistiu aos trabalhos, e que através do documentário construa sua própria memória sobre os 32 anos do grupo Gota, Pó e Poeira.

O que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar (NORA, 1993, p.19).

2 OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é contar a história dos 32 anos do grupo por meio de depoimento dos atores e, com isso, mostrar sua importância, ao mesmo tempo, para o desenvolvimento do teatro no Espírito Santo e para a trajetória de vida das pessoas que fizeram e fazem parte dele. O documentário se apresenta como material inédito sobre o grupo, pois não há produções audiovisuais relacionados à sua história e muito poucas sobre o campo do teatro no Estado. Como filme, pretende-se contribuir para a construção de parte da memória cultural capixaba, para que futuras gerações possam ver e saber a importância do Gota. Ele também tem a finalidade de incentivar outros projetos que, como este, contribuam para que outras histórias não se percam.

3 JUSTIFICATIVA

A produção deste documentário sobre a trajetória do Gota se justifica, portanto, pela sua importância histórica para Guaçuí e o Espírito Santo, e também pelo fato de ser um dos grupos mais antigos do Estado.

O tema proposto sempre esteve presente durante toda a minha vida, pois desses 32 anos de história do Gota, pude acompanhar parte dela, seja por meio de viagens, montagem dos espetáculos, convivendo desde cedo com os integrantes do grupo, vendo o grupo se renovar periodicamente, também presenciando as dificuldades de conseguir patrocínio, as alegrias de receber um prêmio, as festas de final de ano para comemorar mais um ano de vida do grupo. Essa convivência se deu pelo fato de meu pai fazer parte do grupo. Assim, acompanhava tudo de perto desde criança. Desse modo, foi possível perceber como é importante preservar todas essas memórias.

A escolha pelo formato de documentário se deve ao fato de poder mostrar as pessoas que fazem o grupo, de deixar que elas contem a própria história e de que o espectador possa ver suas expressões. É um produto que permite se relacionar com o mundo, compreendê-lo e questioná-lo. De acordo com Lucena (2012), fazer documentário é uma forma de terapia e de entender o meio que se vive. O documentário registra a história viva, conta os acontecimentos de uma forma real, diferente dos filmes ficcionais, que usam a imaginação para contar as histórias.

Bill Nichols propõe que todo filme é considerado um documentário, que se classificaria em dois tipos: os de satisfação do desejo e os de representação social.

Os documentários de satisfação do desejo são os que normalmente chamamos de ficção. Esses filmes expressam de forma tangível nossos desejos e sonhos, nossos pesadelos e terrores [...] Os documentários de representação social são os que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos (NICHOLS, 2012, p. 26).

Seguindo a mesma proposta, os documentários de representação social apresentam o que se enxerga do mundo, a realidade na qual está inserida aquela sociedade. O fazer documentário é a maneira de compreender o mundo em que se está inserido, os personagens são pessoas reais, que contam suas histórias, abrem suas casas, suas vidas para a câmera.

Assim, a preocupação principal do documentário é conseguir contar a história grupo a partir de suas memórias, que é feita de pessoas que guardam diversas lembranças sobre seu passado, sua história.

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. (POLLAK, 1992, p. 3).

Associado a depoimentos, fotos e vídeos produzidos pelo grupo ao longo de mais de trinta anos, tudo se encaixa como um quebra-cabeça.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O processo de execução do trabalho começou em Guaçuí-ES, onde se localiza o grupo. Depois de saber um pouco mais da história do Gota em conversas com seu diretor e um dos fundadores, foram marcadas as entrevistas com dez atores, alguns que já tinham passado pelo grupo e outros que permanecem nele. Logo em seguida, iniciou-se o período de construção do pré-roteiro. Durante a produção, percebi que era importante também contar a história dessas pessoas no grupo, de como ele influenciou em suas vidas, e não apenas usá-las como personagens narradores da trajetória do Gota. Havia claramente uma via de mão dupla: as narrativas de vida fragmentadas construía aos poucos a história do grupo ao mesmo tempo em que o Gota surgia, amarrando as memórias, como fio condutor de parte da vida de cada um dos entrevistados.

Com isso, o documentário passou a ter um lado de história e outro mais sentimental, ligado à importância que o Gota tem para as pessoas entrevistadas. Foi possível perceber que o

grupo é feito desses personagens e não só de uma história do passado. Os dois momentos se complementam neste documentário.

O documentário usa como metodologia entrevista em profundidade, com roteiro de questões semiaberto. Segundo Duarte (2005, p. 63), trata-se de uma entrevista individual que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências. Essa metodologia se torna importante pois, para o documentário ganhar vida, é preciso uma entrevista em que os personagens se sintam à vontade, revivam os momentos importantes, e que consigam passar isso para o espectador.

No ato da entrevista, algumas orientações descritas por Duarte (2005) foram de extrema importância, como ler todo o material disponível antes, ter uma boa preparação para a condução da entrevista, e também estimular o informante a escolher o horário e ter um local em que ele se sinta à vontade.

Durante as perguntas, os personagens foram incentivados a falar livremente. Foi preciso estimular algumas questões reflexivas, pois era interessante que o documentário, além de contar uma história, pudesse refletir e questionar o papel da cultura em Guaçuí e do grupo nesse contexto.

Houve momentos de silêncio, reflexões, pausas duras, choros, eram realmente momentos para se pensar, pois eram perguntas que mexiam com a memória e sentimentos que nunca foram expostos dessa maneira. Segundo Puccini (2012, p. 39), deixar esses trechos no filme serve de estratégia para manter o interesse do espectador. Os personagens entram em conflito com suas emoções e isso se mostra interessante para a narrativa.

Lucena (2012, p. 59) diz que o documentarista deve considerar certos fatores sobre as entrevistas: “[...] Outra possibilidade é iniciar a gravação sem entrevistas prévias, sendo que, nesse caso, o resultado dependerá de um fator muito importante na produção de documentários: o acaso”. Neste documentário, não foi realizada entrevista prévia – a não ser com o diretor Carlos Ola, para seleção dos personagens a serem entrevistados – e nenhum personagem teve acesso às perguntas antes das entrevistas, para não atrapalhar as respostas e não interferir nas possíveis reações durante a escuta das perguntas. Entretanto, em conversas prévias, todos puderam saber sobre o tema e a abordagem pretendida.

O local escolhido foi o Teatro Municipal Fernando Torres, em Guaçuí-ES, pois é um ambiente ao qual eles já estavam acostumados, que faz parte da história do grupo e sua relação com a cidade, e também pela facilidade de acesso ao lugar. Um cenário de fundo do

espetáculo mais recente do grupo, “Estórias de um povo de lá”, foi montado para as gravações. Era um elemento simples, apenas uma escada com flores em volta, mas que representava o grupo e suas histórias. Utilizou-se uma luz focal na escada e no banco em que iriam se sentar os personagens.

Para a gravação, foram utilizadas três câmeras, uma para plano médio frontal, outra para detalhes e uma para close lateral e frontal. O personagem foi posicionado ligeiramente para a esquerda, seguindo o conceito da regra dos terços conforme Hedgecoe (2005, p. 131), na qual, para se ter um equilíbrio correto, divide-se o quadro numa grade de nove retângulos iguais traçando duas linhas horizontais e verticais, posicionando os pontos-chave da tomada em uma ou mais interseções.

Ao se utilizar a regra dos terços, Lucena (2012, p. 61) lembra a importância de se observar a direção do olhar do entrevistado. Ele diz que se posiciona atrás da câmera na mesma altura do personagem para que este o olhe e olhe para a câmera ao mesmo tempo, dando a impressão de que fala diretamente com o público. Como a intenção era ter no documentário esse olhar do personagem diretamente ao espectador, posicionei-me dessa forma, fazendo com que o entrevistado olhasse para a câmera.

Para melhor contribuir para o trabalho, fui em busca de material de acervo do grupo. Os mais atuais já estavam em DVD e o acesso foi mais fácil, mas também foram achados vídeos em fita VHS, que continham peças, ensaios e entrevistas. Tudo foi convertido para DVD e aproveitado em grande parte. Também foram utilizadas fotografias do grupo no documentário.

A etapa seguinte da produção foi o processo de decupagem das entrevistas, que ofereceu uma grande dificuldade em cortar tantas histórias. As dez entrevistas somaram duas horas de gravação, além de todo o material de apoio de fotos e vídeos que foi usado na montagem. Para facilitar esse processo, o trabalho foi feito por etapas: primeiro foi retirado tudo que não era necessário, como as perguntas feitas, bastidores e algumas falas que não seriam utilizadas, reduzindo de duas horas para 40 minutos de vídeo bruto. Logo após foi feito um outro trabalho de corte e foram selecionadas as partes que entrariam para a versão final do documentário, com a preocupação de não ficar muito extenso, reduzindo para 20 minutos de entrevistas, sem ainda contar imagens de apoio, abertura, vinheta e encerramento.

Após isso, seguiu-se para a finalização do roteiro, onde todas as cenas foram descritas e detalhadas para melhor compreensão de como seria o filme e colocadas na ordem que entrariam no vídeo. A ideia era os personagens se intercalando durante o filme, construindo uma narrativa em que suas falas se completam ou se tencionam.

A trilha sonora utilizada foi totalmente instrumental, pois não chama atenção para a letra da música e sim para a fala do personagem ou o material de arquivo a ser exibido. Algumas músicas foram disponibilizadas pelo diretor do Gota, pois são criações do grupo, as outras a serem utilizadas foram retiradas de sites que oferecem material de uso livre. O processo, da pesquisa até a concepção final do documentário, começou no mês de julho e se finalizou na primeira semana de novembro de 2015.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

“Gota – entre histórias e estórias” é um filme de aproximadamente 25 minutos, realizado como trabalho de conclusão de curso. A abertura pensada para este documentário foi com frases curtas e marcantes colhidas durante a entrevista de cada personagem. Após esse momento entra uma vinheta com fotografias antigas e atuais, cuja proposta era dar o efeito de construção das memórias.

O documentário começa com a apresentação do tema, trazendo o passado do grupo, como e quando começou. Como só havia um integrante que estava presente desde o início, a primeira parte do documentário foi composta apenas com falas dele, associadas a material de arquivo.

O papel desse personagem que conta o início do grupo é o do guardião da memória, como era nos tempos sem escrita. A partir dele, a estrutura do documentário reproduz elementos do teatro clássico grego. Num primeiro ato, esse guardião é ao mesmo tempo narrador da história e personagem, trazendo o prólogo do filme. Depois, entram os atores do Gota, como se fossem o coro do teatro clássico, continuando a construção da narrativa do documentário. Em seguida, foram apresentados os outros personagens, que contam como começaram suas histórias no grupo e as reflexões dos entrevistados sobre porque eles fazem teatro, qual espetáculo do Gota mais os marcou, momentos que mais os deixaram felizes.

Após esse momento mais leve, o filme entra em questões importantes como: quais são as dificuldades enfrentadas pelo grupo, a falta de apoio, os momentos em que pensaram em desistir, criando uma situação de conflito na narrativa. Logo em seguida, a narrativa se

segue com o momento em que se aborda o que esperam de agora para frente, o futuro do grupo, trazendo esperanças e incertezas ao mesmo tempo. E o desfecho traz o legado que o grupo deixa para a cultura capixaba e o sentimento que cada um tem pelo Gota, Pó e Poeira.

Foi preciso mesclar os depoimentos, os vídeos antigos e atuais, as fotografias e a trilha sonora, para que a mensagem transmitida chegasse ao público de forma que ele compreenda e reflita sobre ela.

O encerramento foi feito com imagem de um espetáculo mais recente, o “Estórias de um povo de lá”, na qual os atores cantam em cena, enquanto a imagem gradualmente diminui e sobem os créditos. Havia uma preocupação de utilizar essa imagem que eles cantam no espetáculo por causa de direitos autorais, pois a música não era de domínio público. Porém, como sua presença na cena é circunstancial e o trecho é uma gravação da encenação da peça e seu uso não constitui utilização comercial da composição, decidimos por sua inclusão no filme, visto ainda que o direito naquela apresentação já havia sido pago pelo grupo.

O nome do documentário surgiu durante o depoimento do diretor do grupo Carlos Ola. Que explicou que o grupo também é chamado de Gota por fazer referência à peça teatral de Chico Buarque, “Gota d’água”.

Portanto “Gota – entre história e estórias” faz referência a essa outra maneira do grupo ser chamado, usa a palavra história para se referir as histórias reais que foram contadas pelos atores e a escolha da palavra estórias que segundo o Houaiss da língua portuguesa (2009, p. 839) significa: “narrativa de cunho popular e tradicional; [...] história podendo ser fictícia ou não, com objetivo de divertir e/ou instruir o leitor”, e se atribui a narração de fatos imaginários, fictícios, na qual o grupo representa a todo momento.

6 CONSIDERAÇÕES

Este trabalho teve como objetivo registrar uma história. Descrever momentos marcantes pelos quais o grupo Gota, Pó e Poeira passou e as contribuições feitas pelo grupo no cenário cultural de Guaçuí e do Espírito Santo, além de narrar um trecho de sua longa trajetória. Ao observar a trajetória do grupo e poder ter tido a oportunidade de presenciar parte de sua história, acreditei ser válido documentar sobre o Gota.

Na construção do documentário “Gota - entre história e estórias” houve a preocupação de contar não só a história do grupo, mas das pessoas que fazem ou fizeram parte dela.

Ressaltando a importância delas para manter o grupo existindo, disseminando a arte por onde passam e também a relevância do Gota para suas vidas.

Dessa maneira, pode-se concluir que para fazer um documentário é preciso conhecer sua história, a maneira como é construído, suas características. Acima de tudo, é fundamental ressaltar que, com o passar do tempo, são feitas novas descobertas, novas formas, novos conceitos que servem para enriquecer e melhorar as produções.

Fazer documentário é um ato político, um posicionamento diante daquilo que se vê e sente. Um diálogo com o meio em que se vive. Uma demonstração de vigor diante da vida, uma manifestação do sentimento de estar vivo (BAUER, 2007, p. 75).

O documentário possibilita não só a construção das memórias dos personagens, mas também a esperança de um prosseguimento do grupo, de destacar sua consolidação como parte do crescimento cultural de Guaçuí. “Gota - entre histórias e estórias” é construído através de memórias que viraram histórias. “Uma memória que se tornou, ela mesma, objeto de uma história possível” (NORA, 1993, p. 20).

Ao longo da produção deste trabalho, surgiram dúvidas, questionamentos e dificuldades. Foram dez personagens que contaram suas histórias, duas horas de gravação ao total, que precisava ser resumida em um espaço curto de tempo, então decidir que histórias entrariam, o que seria mais importante ressaltar foi uma decisão importante e difícil.

Montar uma narrativa coerente e que chamasse atenção do público também era uma preocupação relevante. O documentário precisava ser construído de forma que tivesse ritmo do início ao fim, de forma que não ficasse cansativo e conseguisse passar a mensagem desejada, que era de contar essas histórias. Produzir um documentário exige muito mais que registrar meras imagens, é preciso pesquisar, compreender e dominar o tema, respeitar as pessoas, seus momentos de reflexões e silêncio, suas histórias e memórias.

É interessante ressaltar que cada personagem tem sua história, sua visão, seu sentimento e os expressa de maneira única. Alguns demonstraram mais emoção, outros menos, dando dinâmica e visões diferentes para o documentário.

Desde o início do projeto, quando se definiu o tema, até a escolha dos personagens, do local, da trilha sonora, das imagens de apoio utilizadas, da narrativa, da abertura, do encerramento, produção do roteiro, do nome; cada uma dessas etapas na produção do

documentário foi uma nova descoberta, uma nova ideia, que foi tomando forma até chegar ao resultado final esperado.

Conclui-se que o objetivo desse projeto foi alcançado. A proposta do trabalho foi cumprida da maneira que se almejava. Tenho muito orgulho de ter registrado essa história e contribuir para que o Gota seja conhecido e apreciado por futuras gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

BAUER, Érika. O documentário como experiência. In: Instituto Itáú Cultural. **Sobre fazer documentários**. São Paulo: Itáú Cultural, 2007.

HEDGECOE, John. **O novo manual de fotografia: guia completo para todos os formatos**. 3. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção**. São Paulo: Summus, 2012.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**, in Projeto História, N.º 10, dezembro de 1993, São Paulo: PUC. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>. Acesso em: 2 nov 2015.

OLA, Carlos. **Gota- entre histórias e estórias**. 2015. Entrevista concedida a Giulian Soares Ola, para a realização desse projeto. Guaçuí, 3 mar. 2015.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf>. Acesso em: 30 abr 2016.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção**. Campinas: Papyrus, 2012.